Capítulo 45

O renascimento cultural

Não foi por acaso que o Renascimento teve início na Itália. Uma economia dinâmica, geradora de excedentes que pudessem ser investidos na produção cultural, era condição fundamental para esse notável movimento. Mas o investimento em arte imobilizou o capital e, de certa forma, estagnou a economia italiana, que tinha condições para passar do capitalismo comercial ao industrial mais cedo que qualquer outro país europeu.

A burguesia, oriunda das camadas marginalizadas da sociedade medieval, firmou-se como classe social através do prestígio que a riqueza lhe trouxe. Procurando moldar a imagem da sociedade em que ela ocuparia posição central, tornou-se mecenas. Os burgueses investiam em palácios, catedrais, estátuas para seus heróis, quadros, afrescos. Transmitiam uma visão racional, progressista, otimista e opulenta do mundo, correspondente a sua ideologia. Procuravam aproximar seu estilo do comportamento da nobreza, imobilizar o capital em bens improdutivos, em vez de investi-lo produtivamente, por exemplo em indústrias.

As cidades-estados italianas tinham conseguido sua autonomia dos senhores feudais no século XIII. A concorrência pelo comércio internacional desencadeava lutas entre as cidades. Cada uma tratou de contratar um chefe militar, o *podestà*, encarregado de arregimentar mercenários junto aos *condottieri*, mistura de chefes de tropa e empresários militares. O processo acabou em ditaduras exercidas pelo *podestà*, pelos *condottieri* ou potentados econômicos, como os Medici de Florença.

A usurpação do poder impunha a necessidade de legitimá-lo através da arte, o que resultava em mecenato político, com vistas a glorificar o Estado e a ação do príncipe e, ainda, enobrecer sua origem.

É preciso lembrar a presença de obras de arte da Antiguidade na Itália: isto contribuiu para o clima cultural do Renascimento.

1. Principais características

Os homens do Renascimento tinham consciência de viver em época diferente da medieval, que repudiavam como *Idade das Trevas*. Assim, opunham-se a misticismo, coletivismo, antinaturalismo, teocentrismo e geocentrismo. O traço marcante do Renascimento foi seu *racionalismo*. Tal perspectiva só poderia surgir na sociedade burguesa, que pretendia o domínio mais completo da natureza, numa atitude chamada mais tarde de científica, a fim de ampliar seus lucros.

O elemento-chave para dominar a natureza era a Matemática, decorrência imediata da mentalidade calculadora expressa nos livros de contabilidade e no uso dos algarismos arábicos. Disto resultaram a convicção de que tudo se poderia explicar pela razão e pela ciência; e a recusa a acreditar em qualquer coisa que não tivesse sido provada.

A *racionalização* envolve a capacidade de perceber as diferenças, de individualizar as coisas. Daí, a segunda característica do Renascimento: o *individualismo*, que se transformou em otimismo na medida em que ampliou a crença nas próprias potencialidades do homem. A capacidade de individualizar as partes levou à análise, à própria descoberta da natureza: o *naturalismo*. Claro que, das maravilhas criadas por Deus, o homem é a obra-prima. Ele é o centro das preocupações. Nasce assim o *antropocentrismo*.

Já a tentativa de entender o Universo daria origem ao *heliocentrismo*, concepção de que o Sol, e não a Terra, é o centro do Universo.

2. O Humanismo

Os humanistas se preocupavam com a reforma educacional. Buscavam revitalizar os estudos na área de humanidades, incluindo *Poesia, Filosofia, História, Matemática* e *Eloqüência*, em substituição ao rígido esquema medieval Direito-Medicina-Teologia. Tais estudos exigiam conhecimento de latim, grego, árabe, aramaico e hebraico, o que levava ao estudo dos textos e autores da Antiguidade Clássica. Os humanistas passariam da crítica dos textos antigos à crítica das próprias condições em que viviam. A *crítica* foi uma das características mais marcantes do movimento humanista.

Os teólogos medievais centravam-se no mundo espiritual. Os humanistas preocupavam-se com o mundo material, com a capacidade dos seres humanos de transformá-lo em seu benefício. A difusão de suas idéias foi facilitada com a invenção da *imprensa*.

Os humanistas estabeleceram uma nítida divisão entre latim clássico e *línguas vulgares*. Isto foi importante para definir as fronteiras das nações e dar personalidade às monarquias nacionais. A criação da língua nacional com base num dialeto predominante teve início no século XIV, quando surgiram os precursores do Renascimento no norte da Itália: Dante Alighieri, com *A Divina Comédia*, síntese do mundo medieval que prenuncia o novo mundo, escrita no dialeto toscano; Francesco Petrarca, criador da poesia lírica moderna, que escreveu *Cancioneiro*; Giovanni Boccaccio, autor de *Decameron*, narrativa em prosa.

O grande centro cultural italiano foi Florença, onde Lourenço de Medici fundou a Academia e onde nasceu o *platonismo*. Seus estudiosos, conciliando o pensamento antigo com os ideais cristãos, chegaram a um espiritualismo difuso que exaltava o belo como manifestação divina. Uma das maiores obras florentinas é *O Príncipe*, de Maquiavel, espécie de manual de política destinado a ensinar aos príncipes como manter o poder, mesmo contra a moral cristã.

Fora da Itália o humanista de maior expressão foi Erasmo de Roterdã. Seu *Elogio da Loucura* criticava a imoralidade e a ignorância do clero; propunha que a Igreja retomasse a leitura dos Evangelhos e reorganizasse sua ação com base neles. Na França, Rabelais satirizou a Igreja em *Gargântua e Pantagruel*. Montaigne, em *Ensaios*, abalou os dogmas da fé.

Os ingleses Thomas Morus (*Utopia*) e Francis Bacon (*Nova Atlântida*) abordaram o tema de uma sociedade em plena harmonia. Foi ao teatro que os ingleses deram sua maior contribuição, com as obras de William Shakespeare. Ele defendia a ordem social contra o caos, como fez em *Macbeth*, *Hamlet* ou *Henrique IV*. Povoou suas obras de elementos místicos da crença popular: bruxas, fantasmas.

Na Espanha, *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, satirizou o feudalismo. Em Portugal, a expressão máxima foi Luís Vaz de Camões, com seu magistral poema épico *Os Lusíadas*.

3. Renascimento científico

Os descobrimentos, o racionalismo e a preocupação com a natureza estimularam as pesquisas científicas. Pela Escola de Pádua, sob proteção de Veneza, passaram intelectuais como Pietro Pomponazzi, Galileu Galilei, Copérnico. Pomponazzi pregou a supremacia da razão, negou a Criação, a imortalidade da alma e os milagres: eram escritos avançados para a época.

O grande gênio de seu tempo foi Leonardo da Vinci, poeta, músico, pintor, arquiteto, escultor e precursor da ciência moderna. Fundou a Mecânica. Estudou anatomia humana, dissecando cadáveres. Imaginou máquinas acionadas pela energia hidráulica, desenhou aparelhos irrealizáveis para a época, como morteiros, submarinos, escafandros, carros de assalto e uma máquina voadora acionada por hélices!

O polonês Copérnico, em *Sobre a Revolução dos Globos Celestes*, afirmou que a Terra e outros planetas giram em torno de si e do Sol, mesma tese defendida por Galileu, que foi obrigado a desdizer-se sob pena de ser condenado pelos tribunais da Igreja. O alemão Johannes Kepler demonstrou a órbita elíptica dos planetas.

A medicina avançou com os estudos de anatomia de Vesálio, médico de Bruxelas, e os estudos sobre a circulação sanguínea de William Harvey e Miguel Servet. Paracelso destacou-se no estudo das drogas medicinais e Ambroise Paré criou a técnica de ligação de artérias para estancar o sangue.

4. Artes: características dominantes

No medievo, os estilos românico e gótico e a arte bizantina se dirigiam a uma sociedade de analfabetos; era indispensável uma arte visual, dominada pelo tema da salvação. O *novo estilo*, o Pré-Renascimento, surgiu no norte da Itália, com Giotto (1266-1337). Sua tela mais famosa é a de São Francisco pregando às aves. Ele criou um mundo colorido, recuperando o estilo gótico, com noções da arte bizantina e a sensibilidade humana e naturalista. Impressionava os sentidos, não tanto a meditação. Surgia a *perspectiva*, a princípio intuitiva. Em 1420, com o arquiteto florentino Felipo Brunelleschi, surge a perspectiva *exata* ou *matemática*. A imagem é reproduzida a partir de dois pontos: o olhar do pintor e o ponto de fuga, no fundo do quadro. A obra artística passava a estar além do conhecimento do homem comum. O domínio de cores, tons, materiais de pintura, anatomia, e mesmo de psicologia, fazia do pintor um cientista da arte. Arte e ciência integradas. A arte

passava a apresentar unidade de espaço, tempo, tema e composição, o que correspondia à unidade do mundo das monarquias.

O ponto de vista do observador era fundamental e cada artista tornou-se um criador individualizado. Tinha prestígio e freqüentava a aristocracia. A procura aumentou. Grandes artistas passaram a fazer o esboço e assinar a tela, executada por outros, o que aumentava o lucro e reduzia a criação.

5. Itália: os grandes momentos

Os historiadores dividem o Renascimento italiano em três momentos: Trecento (século XIV), Quattrocento (XV) e Cinquecento (XVI).

No *Trecento*, nasce o *novo estilo*, com Giotto. Vai-se ao encontro da realidade, dando vida às figuras, buscando a docilidade das formas, a expressividade das personagens, a profundidade dos cenários. Outro destaque é Spinello Aretino, de Siena, em que se aperfeiçoaram a técnica de aprofundamento de espaço e a incorporação dos campos e cidades, emergindo a *paisagem*. Na literatura, destacaram-se Dante, Petrarca e Boccaccio.

No *Quattrocento*, destaca-se a Escola Florentina, impulsionada pelo mecenato dos Medici. Para comemorar o apogeu econômico de Florença, encomendaram a Brunelleschi a cúpula da catedral de Santa Maria dei Fiori. Donatello glorificou o nu nas estátuas de *Davi* e do *Condottiere Gattamelata*, em bronze. Masaccio, pintor de *Expulsão de Adão e Eva do Paraíso*, desenvolveu o *esfumaçamento*: as formas mais distantes são reproduzidas com menos nitidez. Ucello aperfeiçoou a perspectiva. Mantegna marcou o momento máximo do naturalismo na pintura. Fra Angelico destacou-se na escola de pintores centrados no tema da espiritualidade e do simbolismo gótico.

Na última geração florentina, destaca-se o sublime Botticelli, com sua *Alegoria da Primavera*. A tendência a enobrecer a burguesia anunciava a decadência, e a arte revelava gosto cortesão, menos popular.

Na passagem do século XV ao XVI, desenvolve-se a Escola de Veneza. A poesia épica avança com os trabalhos de Torquato Tasso, *Jerusalém Libertada*, e Ludovico Ariosto, *Orlando Furioso*. Pintores notáveis são Tintoretto, Carpaccio, Giovanni Bellini e Ticiano. A tinta a óleo permite maravilhosos efeitos, com sombras, trevas e meios-tons. A tela e o cavalete transformam a arte em bem móvel. Firmou-se a vocação antropocêntrica do Renascimento, com a reprodução do corpo até em temas religiosos. Difundiu-se o costume do retrato, das cenas domésticas.

O *Cinquecento*, quando as obras chegaram ao mais alto grau de elaboração, passou por dificuldades: a expansão portuguesa e espanhola, que deslocou o centro econômico do Mediterrâneo para o Atlântico; a invasão do Rei Carlos VIII da França em 1494; e o saque de Roma por tropas espanholas e alemãs. Entre 1503 e 1521, o ambiente tornou-se favorável. Bramante construiu a monumental basílica de São Pedro.

Na pintura, destacam-se Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael. Em Da Vinci, distinguem-se o jogo de luz e sombra, o esfumaçamento que realça a magia da pintura e a captação das profundezas da alma nos retratos, como o de Mona Lisa — a *Gioconda*. Na *Última Ceia*, ele imprimiu as tendências da perspectiva e do antropocentrismo.

Michelangelo foi o pintor e escultor do corpo na mais profunda concepção. Perscrutou o interior das personagens na expressão facial, na saliência dos músculos, no enrugamento da pele, na intumescência das veias. Isto está presente nas esculturas *Escravo Acorrentado*; *Moisés*; e *Pietà*. A força de sua pintura se revela na parede e no teto da Capela Sistina: *Deus Criando o Mundo; Criação de Adão*; *Juízo Final*; *O Dilúvio*.

Rafael realizou uma síntese de seu tempo. Produziu trabalhos suaves, harmoniosos, representando um mundo sólido, rico e satisfeito consigo mesmo. Foi o preferido de príncipes e senhores. Notabilizou-se pelas madonas, como a *Madona Sistina*.

6. Arte fora da Itália

A pintura dominou o Renascimento nos Países Baixos. Essa rica região tinha uma burguesia trabalhadora, sem pretensões aristocratizantes. Doavam obras às igrejas. Os artistas retratavam a realidade, com miséria ao lado da riqueza. Mostravam interiores de templos, palácios, oficinas e residências; objetos, naturezas mortas e paisa-

gens. Desenvolveram a técnica do retrato. Inventaram a pintura a óleo.

O primeiro grande pintor flamengo foi Flemalle, com seu *Retábulo de Merode*. O óleo atinge o auge com os irmãos Jan e Hubert van Eyck, em *O Retábulo do Cordeiro Místico*. Jan inaugurou o retrato conjugal, com *O Casal Arnolfini*. O sucessor dos irmãos foi Rogier van der Weyden, que refletiu sobre a fragilidade humana em *Descida da Cruz*. Hieronymus Bosch, ainda ligado a raízes góticas, criou uma atmosfera caótica, de homens e mulheres bestificados em situações insólitas, em suas obras *O Jardim das Delícias*; *As Tentações de Santo Antão*; *A Carroça de Feno*; *A Nave dos Loucos*. Tinha preocupação moralizante, ao criticar o caráter dissoluto da sociedade de seu tempo.

Na Alemanha, o Renascimento é tardio. A burguesia vivia em cidades mas faltava um núcleo cortesão. Na arte, destaca-se Albrecht Dürer, com suas gravuras sobre madeira e metal. Suas obras mais notáveis foram *Adoração dos Reis Magos*; *Natividade*; *Adão e Eva*; e *Os Quatro Apóstolos*.

Na Espanha, influenciada pela cultura muçulmana, foi importante Domenikos Theotokopoulos, chamado El Greco. Em *Pentecostes* e no famoso *Enterro do Conde de Orgaz*, ele anunciou elementos do período seguinte, o Barroco.

Questões propostas

1. Resuma o Renascimento numa oração.

2. Qual foi o centro do Renascimento? Poderia ter sido outro lugar? Por quê?

3. Explique o "mecenato político".

4. Quais as características marcantes do homem do Renascimento? O que ele achava da Idade Média?

5. Qual foi o grande gênio do Renascimento científico?

6. Defina os campos em que deram contribuições: Copérnico e Galileu Galilei; Vesálio, Harvey, Servet e Paré.

7. Sintetize: Trecento e Quattrocento.

8. Resuma o Cinquecento.

9. Sintetize: a arte renascentista fora da Itália (Países Baixos, Alemanha e Espanha).

A Primavera, de Sandro Botticelli, uma das grandes obras do Renascimento.